

AÇÕES DE ACESSIBILIDADE- SURDOCEGUEIRA CAE/SAAD/UFSC

SURDOCEGUEIRA

Praticamente todas as recordações que temos são constituídas por imagens e sons. Aprendemos praticamente tudo o que conhecemos por meio da visão e da audição. Como seria então interagir com o mundo na ausência ou diminuição significativa de dois dos principais sentidos que possuímos? É sobre isso que falaremos agora.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zTD9uVQrz7E>

Descrição da imagem: Fotografia colorida horizontal. Em primeiro plano aparecem três pessoas de perfil. Do lado esquerdo uma moça está atrás de um rapaz, com os dedos em suas costas, sinalizando algo. Diante do rapaz há um homem que sinaliza e o rapaz repousa suas mãos sobre as dele. Ao fundo há vegetação e em plano inferior a orla, prédios, mar e montanhas.

- A surdocegueira não se trata da soma das duas deficiências, cegueira e surdez. Configura-se como uma deficiência única, com características particulares.
- Uma pessoa é considerada surdocega quando há um substancial comprometimento das duas vias (visual e auditiva), podendo ocorrer resíduos em uma ou ambas (NASCIMENTO, 2006).
- Pode ser congênita ou adquirida.
- Pré ou pós linguística (ou seja, antes da aquisição da fala ou depois).
- O comprometimento sensorial múltiplo (ou seja, na audição e na visão) implica em evidente impacto na comunicação e na aprendizagem.
- Uma das principais causas da surdocegueira é a Síndrome de Usher.

Síndrome de USHER- De origem genética, a síndrome tem graus variáveis se associando à surdez, presente já no nascimento, com a perda gradual da visão, que se inicia na infância ou na adolescência. A cegueira, parcial ou total, é causada pela retinose pigmentar (doença hereditária que pode ocorrer de forma isolada)-degeneração da retina.

A surdocegueira, provavelmente, é uma das deficiências que causa mais estranhamento entre as pessoas sem deficiência. Geralmente se pensa: Mas como uma pessoa vai viver sem ouvir nem enxergar? Como vai aprender e cursar uma graduação? Na verdade, muitos acham que nem é possível. Primeiramente, como vimos, nem sempre a pessoa não vê nada, nem escuta nada. Há pessoas que têm resíduo auditivo, ou visual, ou ambos. Mas, obviamente, há aquelas que não têm nenhum resíduo, seja na visão, seja na audição.

As possíveis condições são:

- **Surdocegueira total**
- **Surdez profunda e baixa visão**
- **Surdez moderada e baixa visão**
- **Surdez moderada e cegueira**

E como as pessoas com surdocegueira se comunicam? A forma de comunicação depende do resíduo que elas têm. Se há resíduo visual, elas podem fazer leitura dos lábios e usar a fala. E podem também usar Libras. No entanto, caso não haja resíduo da visão, a pessoa com surdocegueira usará outros meios de comunicação, com a mediação do guia-intérprete, que, além da comunicação, auxilia nos deslocamentos.

GUIA INTÉRPRETE: é o profissional que trabalha com o surdocego utilizando diversas formas de comunicação. Além da interpretação, inclui a descrição do ambiente e funções de guia. Ou seja, além de dominar a Libras-tátil e outros métodos de comunicação, auxilia o deslocamento do surdocego. E também descreve todas as informações visuais e contextuais que são importantes para a compreensão.

ACESSIBILIDADE À PESSOA COM SURDOCEGUEIRA

Caso você tenha contato com uma pessoa surdocega, tente saber qual é a forma pela qual ela se comunica. Há surdocegos com resíduo visual suficiente para se comunicarem por meio da escrita em tinta, por exemplo. Outras pessoas com surdocegueira apenas se comunicarão por meio de Libras-tátil e, portanto, necessitarão da mediação do guia-intérprete.

A comunicação é a principal barreira enfrentada pelo surdocego. Sem os devidos meios de repasse das informações, a pessoa surdocega poderá estar sobressaltada, assustada. A não utilização dos sentidos remanescentes (os

resíduos da visão e audição, se existirem, e especialmente o tato), pode culminar em outros déficits, geralmente o cognitivo.

Normalmente a pessoa com surdocegueira será acompanhada por um guia-intérprete durante as aulas. Sempre se reporte ao estudante quando for falar com ele. O guia-intérprete faz a mediação, mas o seu interlocutor é a pessoa surdocega.

Você pode pensar, mas como a pessoa sem resíduos visuais ou auditivos utiliza o computador? Usar o software leitor de tela não seria eficaz porque ela não escuta. Como professor, eu teria que disponibilizar tudo em Braille?

Existe uma tecnologia chamada Linha Braille, ou Display Braille. É um hardware que exibe dinamicamente em Braille a informação da tela. Pode-se definir Display Braille como um dispositivo de saída tátil para visualização das letras no sistema Braille. Ou seja, esse dispositivo permite utilizar o computador, mesmo na ausência da visão e da audição.



Fonte: <http://acessibilidadelegal.com/33-display-braille.php>

Descrição da imagem: Fotografias que mostram a linha braille- dispositivo retangular, próximo do teclado convencional. Em uma das imagens há um rapaz utilizando o dispositivo e na outra há os detalhes dos equipamentos- na parte superior os locais onde os pontos ficam em relevo e na parte inferior as teclas que permitem escrever e navegar na página.

Existem, ainda, outras formas de comunicação, como o Método Tadoma. A pessoa com surdocegueira, ao colocar a mão sobre a boca e o pescoço da pessoa que fala, pode sentir os movimentos articulatórios e a vibração de sua voz e entender o que está sendo dito.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=u7zLNBtHTdc>

Descrição da imagem: Fotografia colorida na qual aparecem duas mulheres, da altura do peito para cima, e uma delas toca o rosto da outra, na região da boca.

Em relação às aulas, é importante que os textos estejam disponíveis no MOODLE e que aqueles materiais que precisarem de digitalização/adaptação sejam encaminhados ao AAI- Setor de Acessibilidade Educacional (email: aai.bu@contato.ufsc.br ou fone: (48) 3721-3834).

No caso de resíduo visual, é importante que o professor saiba o tipo de fonte que o estudante necessita nos textos e é preciso checar a melhor forma de realizar a avaliação (prova). A avaliação pode ser realizada pelo computador- que por questões de transparência pode ser emprestados pelo AAI- setor que também disponibiliza a linha Braille. Esse notebook mencionado não tem qualquer arquivo salvo ou acesso à internet. Terminada a avaliação essa deverá ser salva em um pen-drive - que ficará com o professor, para posterior correção. Ou, ainda, o estudante com surdocegueira pode optar por fazer a prova com o auxílio de um monitor e dos guias intérpretes.

A Coordenadoria de Acessibilidade Educacional (CAE) também disponibiliza, caso se julgue necessário, um apoio em atividade extraclasse ao estudante com surdocegueira. Os atendimentos ocorrem sistematicamente, e, além do estagiário em acessibilidade e do estudante, participam os guias-intérpretes, de modo a intermediar a comunicação e propiciar a interpretação do contexto. A finalidade dos encontros é a de mediar a realização de trabalhos acadêmicos, tanto no sentido da compreensão da tarefa, quanto na elaboração e execução. Ressalta-se que esse trabalho tem acima de tudo o intuito de dar autonomia ao estudante, ou seja, não é a lógica do “fazer por”, mas de dar subsídios para que o estudante possa

realizar as atividades com independência, especialmente ao receber suporte para as questões conceituais, por meio dos atendimentos oferecidos.

Em suma, quando pensamos na surdocegueira, de acordo com Gabellini (2013), há uma heterogeneidade muito grande de possibilidades, tais como: aluno surdocego que utiliza língua de sinais (modalidade tátil), alfabeto manual, ou que utiliza o método Tadoma, código Braille, os oralizados, os usuários de implante coclear, enfim, não existe uma realidade única na seara da surdocegueira. Ocorre que toda essa variação fica homogeneizada pelo termo “aluno surdocego”, no entanto, não se pode perder de vista a diversidade de condições do estudante com surdocegueira, fato que demanda adaptações e investimentos diversos, de modo que o estudante surdocego ingresse e permaneça no ensino superior.

Referências:

BAMPI, I. ; GUILHEM, D.; ALVES, E.D., Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência, **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Artigo de Revisão 18(4):[09 telas] jul-ago 2010.

BARNES, C. et al. (org), **Disability**. Cambridge: Polity Press, 2003.

BARNES, C. et al. (org), **Exploring Disability: A Sociological Introduction**. Cambridge: Polity Press, 2005.

BERSCH, R. Introdução à tecnologia assistiva, Porto Alegre, 2013, disponível em: http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 15/03/2017

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. B823 t Comitê de Ajudas Técnicas Tecnologia Assistiva. – Brasília : CORDE, 2009.

BRASIL. SDHPR - Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - SNPD. 2009. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/tecnologia-assistiva> Acesso em 06/04/2017.

BRASIL. Lei n. 13146. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial Seção 1 - 7/7/2015, Página 2 (Publicação Original) [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 06

de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 10/03/2017.

DINIZ, D. O que é deficiência. SP: Brasiliense, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 158 p.

LIMA, F.; COSTA, B. **Modelos e evolução das perspectivas sobre deficiência**. Trabalho realizado no âmbito do curso Inclusão e Acesso às Tecnologias- Mooc 2014, disponível em <http://www.scribd.com/doc/219218159/Modelos-e-evolucao-das-perspetivas-sobre-deficiencia#scribd>, acesso em 17/12/2015.

MARTINI, A (Ed.), European Group on genetics of hearing impairment. European Commission Directorate, **Biomedical and Health Research Programme (HEAR)** Infoletter 2, November 1996, 8.

NASCIMENTO, F.A.A.A.C Educação Educação infantil ; saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação e sinalização : surdocegueira/múltipla deficiência sensorial. [4. ed.] / **Associação Educacional para a Múltipla Deficiência - AHIMSA**. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA; 1997.

WALBER, V.B, SILVA, S.N. As práticas do cuidado e a questão da deficiência: integração ou inclusão? **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2006, março, 23 (1).